

Godolphin

© 2016 – Conhecimento Editorial Ltda

Godolphin

Edward George Bulwer-Lytton
(1803 - 1873)

Todos os direitos desta edição reservados à

CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques CEP 13480-970 — Limeira — SP

Fone: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Edição de texto: Margareth Rose Carvalho

Tradução: Giovanna Louise Libralon

Revisão: Sueli Araújo

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-370-9 — 2016

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico de

Conhecimento Editorial Ltda

e-mail: conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Bulwer-Lytton, Edward George

Godolphin / Edward George Bulwer-Lytton ;
tradução de Giovanna Louise Libralon – Limeira, SP
: Editora do Conhecimento, 2016.

370 p.

ISBN 978-85-7618-370-9

Título original: *Godolphin*

1. Literatura inglesa I. Título II. Libralon, Giovanna Louise

16-0487

CDD – 823

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa

Edward George Bulwer-Lytton

Godolphin

Tradução:
Giovanna Louise Libralon

1ª edição
2016



Para o Conde Alfred D'orsay

Meu estimado conde d'Orsay,
Quando a ascendência de Godolphin ainda era ignorada e inconfessa, vos dignastes a alentar seus primeiros embates perante o mundo. Agora, permitireis, ao pai que Godolphin acabou de descobrir, que o leve, uma vez mais, à vossa apreciação? Lamento dizer, contudo, que meu desgarrado rebento, há tanto repudiado, não é agradecido o bastante por ser, enfim, reconhecido. Ele afirma ser membro de uma família numerosa e, disposto a se destacar de seus irmãos, deseja não apenas reivindicar vossa estima, mas também tomar vosso nome. Nada satisfará mais sua pretensão do que a oportunidade mais pública possível de ostentar sua gratidão e lealdade para com o cavalheiro mais notável de nossos tempos. Consentireis vós, pois, que Godolphin retorne ao convívio do mundo sob vossos auspícios, concedendo ao filho, bem como ao pai, o ensejo de dar testemunho da bondade de vosso coração e de alardear a honra de vossa amizade?
Acreditai-me, estimado conde d'Orsay, com o mais sincero respeito,

Seu fiel e devoto amigo, E. B. L.

Sumário

Prefácio.....	11
1 • O leito de morte de John Vernon. • Suas palavras finais. • Descrição de sua filha, a heroína. • O juramento.....	15
2 • Considerações acerca da posse da vida. • Os ataúdes dos grandes homens raramente são negligenciados. • Constance é acolhida por Lady Erpingham. • Os feitos e o caráter da heroína. • Seu temperamento manipulador.....	20
3 • Apresentação do herói ao leitor. • Seu diálogo com o pai. • A índole de Percy Godolphin na infância. • O fracasso de sua vida escolar.....	24
4 • A primeira experiência de liberdade de Percy.....	27
5 • Os atores. • Godolphin apaixonou-se. • O efeito exercido sobre ele pela arte de interpretar de Fanny Millinger. • As duas propostas. • Godolphin abandona os atores.....	30
6 • Percy Godolphin: hóspede de Saville. • Sua entrada para o Regimento dos Life Guards e sua nova fama.....	34
7 • Os motivos das afeições humanas de Saville. • O encontro de Godolphin com alguém que ele nunca mais verá. • A nova atriz.....	38
8 • A paixão de Godolphin pelo palco e a diferença que ela provocou nas atitudes que tomava, até então, em sua vida.....	41
9 • O legado. • Um novo vício de Saville. • A natureza das relações mundanas. • Godolphin deixa a Inglaterra.....	44
10 • A educação do intelecto de Constance.....	47
11 • Uma conversa entre Lady Erpingham e Constance. • Outras particularidades da família de Godolphin etc.....	49
12 • Descrição da casa de Godolphin. • O primeiro encontro. • Seu efeito sobre Constance.....	53
13 • A notícia de um baile. • A visita de Godolphin ao Castelo de Wendover. • Seus modos e conversação.....	58
14 • Uma conversa entre Godolphin e Constance. • A vida no campo e a vida na cidade.....	61
15 • Os sentimentos de Constance e de Godolphin, um com relação ao outro. • A diferença do temperamento de ambos. • Considerações sobre os efeitos que o mundo produziu em Godolphin. • A proprieda-	

	de. • Descrição das paisagens rurais. • Presságios. • A primeira confissão insinuada.....	63
16	• Godolphin volta ao lar. • Seu monólogo. • A chegada de Lorde Erpingham ao Castelo de Wendover. • Descrição do conde. • Seu relato da vida de Godolphin em Roma.	70
17	• Constance arruma-se para a festa. • Seus sentimentos. • A descrição do caráter de sua beleza. • O baile. • A duquesa de Winstoun e sua filha. • Um introito sobre a natureza das rivalidades femininas. • O ciúme de uma amante. • Resposta à impertinência. • Quem escuta as palestras de outrem nunca ouve boas coisas a seu respeito. • Comentários acerca das diversões de uma reunião pública. • A ceia. • A falsidade da alegria dissimulada. • Reflexões diversas, novas e verdadeiras. • O que se passa entre Godolphin e Constance.....	76
18	• O colóquio. • O momento crítico de uma vida inteira.	94
19	• Um raro e refinado membro da melhor (pior) escola. • Uma conversa-ção sobre centenas de questões. • A derrocada do <i>status</i> de “pródigo com o que lhe é próprio” para o de “ávido pelo que é alheio”.	101
20	• Fanny Millinger uma vez mais. • O amor. • A mulher. • Os livros. • A abordagem superficial de uma centena de assuntos. • A disposição de espírito de Godolphin examinada com maior minúcia. • O jantar na resi-dência de Saville.....	111
21	• Um acontecimento de grande importância para os personagens princi-pais desta história. • Godolphin deixa a Inglaterra pela segunda vez..	121
22	• A noiva a sós. • Um diálogo político e matrimonial. • A habilidade de Constance para a diplomacia. • A natureza de suas reuniões. • Sua vitória sobre Lady Delville.	124
23	• A compreensão de um aspecto do verdadeiro mundo aristocrático. • A investigação do que ocorre por trás das cortinas cor-de-rosa.....	130
24	• A condição de Constance enquanto mulher casada.	133
25	• O prazer de vingar uma humilhação. • Constance em defesa da moda. • Observações quanto à moda. • O paradeiro de Godolphin. • O conceito de Fanny Millinger a respeito de si mesma. • A falta de coragem dos moralistas.....	136
26	• O visionário e sua filha. • Um cavalheiro inglês, tal como os estrangei-ros imaginam que os ingleses sejam.....	140
27	• Um colóquio pouco atinente ao século XIX. • Investigação acerca do destino humano. • O presságio.....	148
28	• A juventude de Lucilla Volkman. • Uma conversação misteriosa. • O retorno inesperado de uma pessoa.....	159
29	• O efeito dos anos e da experiência. • O espírito italiano.....	167
30	• Magnetismo. • Simpatia. • A devolução de elementos aos elementos.	170
31	• Uma ocorrência. • O estranho comportamento de Lucilla. • Godolphin enfrenta uma dura provação. • A gruta de Egéria e o que lá sucede.	174
32	• A fraqueza de toda a virtude emergindo apenas dos sentimentos.	186

33	• De volta a Lady Erpingham. • Lady Erpingham adoece. • Lorde Erpingham decide viajar para o exterior. • A opinião de Plutarco a respeito dos instrumentos musicais. • Festividade na Casa dos Erpingham. • Saville na sociedade e o gosto pela mediocridade. • David Mandeville. • Mulheres, sua influência e educação. • A necessidade de um propósito. • Religião.	194
34	• Ambição justificada. • O lar de Godolphin e Lucilla. • A mentalidade de Lucilla. • O efeito da felicidade amorosa sobre o talento feminino. • A noite do adeus. Lucilla só. • O teste da afeição de uma mulher.	203
35	• Godolphin em Roma. • A cura para um idealismo mórbido. • Seu constrangimento com relação a Lucilla. • O reencontro fortuito com um velho amigo. • O Coliseu. • Uma surpresa.	215
36	• Diálogo entre Godolphin e Saville. • A explicação de certos acontecimentos. • As desculpas de Saville por sua insensibilidade. • Os sentimentos confusos de Godolphin por Lady Erpingham.	222
37	• Uma noite na companhia de Constance.	226
38	• O amor de Constance por Godolphin permanece o mesmo. • Seu remorso e sua esperança. • O Capitólio. • Os pensamentos diferentes de Godolphin e de Constance quanto à vista do lugar. • As demonstrações afetuosas de Constance.	228
39	• A carta de Lucilla. • Seu efeito sobre Godolphin.	233
40	• Tívoli. • A gruta da Sereia. • A confissão.	239
41	• Lucilla. • A solidão. • O encantamento. • O sonho e a resolução. ...	242
42	• Júbilo e desespero.	248
43	• O amor, poderoso como a morte e tão amargo quanto ela.	254
44	• Godolphin.	258
45	• A declaração. • Aproximam-se as núpcias. • O idealista está contente?	260
46	• As festividades do casamento. • O acidente. • A primeira posse legítima do amor.	263
47	• Notícias de Lucilla.	266
48	• Aquilo que leva duas pessoas permanentemente unidas a descobrir que nenhum laço pode engendrar a união das mentes.	267
49	• A volta para Londres. • A natureza eterna da decepção. • Fanny Millinger. • A casa da atriz e a ceia.	271
50	• O monólogo de Godolphin. • Sua transformação em homem dos prazeres e patrono das artes. • O surgimento de um novo personagem envolto em mistério, pois, quando avançamos, seja na vida, seja em suas representações, os personagens apresentam-se de forma mais indistinta e obscura do que no início de nossa caminhada.	278
51	• O curso da vida de Godolphin. • A influência das opiniões e do ridículo sobre as mentes de ordens superiores. • A amizade de Lady Erpingham com o rei Jorge IV. • O estilo de vida do rei.	281

52	• O colóquio entre Radclyffe e Godolphin. • As variedades da ambição.	284
53	• Fanny por trás das cortinas. • Reminiscências da juventude. • A universalidade do truque. • A ceia na casa de Fanny Millinger. • Conversação acerca de centenas de assuntos, superficiais e verdadeiros a um só tempo. • A canção de Fanny.	287
54	• Os afazeres de Constance. • A condição real de seus sentimentos por Godolphin. • Uma rápida sucessão de acontecimentos políticos. • O governo de Canning. • A questão da emancipação católica. • O discurso de Lorde Grey. • A morte de Canning.	294
55	• A morte de Jorge IV. • A situação política dos partidos e de Lady Erpingham.	299
56	• O dissoluto queda-se adoentado. • Notícias. • A vidente.	302
57	• A superstição e seus maravilhosos efeitos.	305
58	• O império do tempo e o império do amor. • A altiva Constance cai enferma. • Uma provação.	307
59	• Constance faz uma descoberta que a emociona e a faz compreender a natureza de Godolphin. • Um acontecimento que, embora atinente à vida particular, não é desprovido de interesse.	312
60	• A lei da reforma. • Um capítulo curtíssimo.	316
61 -	• O monólogo da profetisa. • Um mistério inesperado, apresentado como um exemplo das muitas coisas que, na vida, nunca são explicadas. • Desvios desnecessários de nossas atividades corriqueiras.	317
62 -	• Aquilo que leva a vida comum a deslizar para uma vida excêntrica. • Iguamente verdadeiro, porém a verdade não é reconhecida na mesma medida.	322
63 -	• Um encontro entre Constance e a profetisa.	324
64 -	• A fuga de Lucilla. • A perplexidade de Lady Erpingham. • Sobrevém uma mudança na mentalidade de Godolphin. • A conversa de Godolphin com Radclyffe. • Eleições gerais. • Godolphin torna-se senador.	333
65 -	• Novos panoramas de uma ordem privilegiada. • O leito de morte de Augustus Saville.	343
66 -	• A viagem e a surpresa. • Uma caminhada em uma noite de verão. • As estrelas e a associação que a recordação faz com a natureza.	347
67 -	• A completa renovação do amor • A felicidade provoca medo “e no hoje já caminha o amanhã”.	353
68 -	• O último colóquio entre Godolphin e Constance. • Os pensamentos dele e sua caminhada solitária em meio aos cenários de sua juventude. • A carta. • A despedida.	356
	* Um encontro aterrador. • A tempestade. • A catástrofe.	362

Prefácio

Nos prefácios à presente edição de minhas obras, até agora me servi, ocasionalmente, do privilégio da autocrítica de que o escritor cômico francês Monsenhor Picord faz uso ou demonstra em suas inúmeras peças: ainda que não no intuito de fazer um verdadeiro julgamento de meu próprio desempenho, ao menos para sugerir uma justificativa de suas falhas por meio de declarações atenuantes a respeito de seu caráter e intenções. De fato, um escritor que volte os olhos ao passado está inconscientemente inclinado a pensar que deve apartar-se daqueles frutos de sua mente, que, há muito, saíram para o mundo, bem como que, embora não seja aconselhável delongar-se quanto aos méritos que sua afeição paternal lhes atribuiria, precisa, ao menos, falar sobre a maneira como foram criados e moldados: das esperanças que nutria, ou dos objetos que contemplava, quando, por fim, libertou-os para ser alvo das opiniões dos outros e do juízo do destino ou do tempo.

De minha parte, devo admitir que, mesmo quando dei pouca atenção à análise do valor de uma obra, sempre tive interesse na explanação do autor quanto à sua origem e elaboração. Assim, supondo que algo que traz tamanha satisfação à minha curiosidade não deva ser, de todo, desinteressante para outras pessoas, devo, então, de tempos em tempos, continuar a ser o apresentador de meu próprio maquinário e explicar o princípio do funcionamento da mola mestra e do movimento das engrenagens.

Comecei a escrever este romance em algum momento do terceiro ano de minha carreira de escritor e terminei-o no ano seguinte. Foi idealizado, portanto, quase que simultaneamente a *Eugene Aram* e proporcionou-me ao menos algum consolo diante da melancolia daquela tragédia local. É desnecessário

asseverar quão diferentes são um do outro, no que tange ao cenário, ao caráter e à fabulação. Ainda assim, são semelhantes em um ponto: ambos buscam lidar com um dos problemas mais dramáticos da história espiritual do homem, qual seja, a frustração ou o abuso de poder de um intelecto superior inclinado, em sua origem, ao bem. Talvez não exista conflito que mais atraia a atenção do homem de certa circunspeção naquela fase da vida em que seus olhos, pela primeira vez, desvencilham-se do fenômeno externo que o volteia e a curiosidade leva-o ao exame das causas e à justificativa dos efeitos; momento em que, citando, com reverência, as palavras dos sábios, “dedica seu coração ao conhecimento e à busca, procurando a sabedoria e a razão de ser das coisas, e à descoberta da corrupção da insensatez, e mesmo de sua estupidez e loucura”.

Em *Eugene Aram*, o curso natural da genialidade do protagonista é frustrado por um único crime. Em *Godolphin*, uma mente de natureza inferior, embora mais caprichosa e imaginativa, esmorece por força da satisfação indulgente daqueles sentimentos mórbidos que são o alimento do egotismo e da influência crescente das frivolidades que ocupam o tempo do ocioso. Aqui, o demônio seduz ou destrói o eremita em sua própria cela solitária. No primeiro, ele desliza por entre a pompa e as vaidades mundanas e sussurra a perdição à alma por meio de seus sutis companheiros, a indolência e o prazer.

Dentre todos os meus inúmeros romances, *Pelham* e *Godolphin* são os únicos completamente fundamentados no que se costuma chamar de “o mundo das aparências”. Busquei fazer a composição geral de cada um deles em certa conformidade com o protagonista. Pelham apresenta-se como quase completamente insusceptível às influências mais poéticas. Ele tem o componente físico que, versátil e jovial, se funde com facilidade à realidade mundana: encara a vida a partir da filosofia tolerante que Horácio exorta em Aristipo: ri de sua própria insensatez. Além disso, está sempre pronto a transformar, no final das contas, as frivolidades que apenas servem para aguçar sua sagacidade em práticas sérias, ainda que de forma indireta. Em suma, desconsideradas suas loucuras, reais ou presumidas, ele continua a ser o homem dinâmico das multidões e das cidades, determinado a vencer e dotado das

características comuns do sucesso. Godolphin, ao contrário, é o homem de temperamento poético, distante de seu ambiente natural em meio aos ociosos fúteis e aos alvoroçados atores do mundo exterior, desejoso de que o estímulo da necessidade ou a motivação elevada que nasce da benevolência deem vigor a suas aptidões ou um propósito firme a seus desejos inconstantes; faltam-lhe força necessária para quebrar as cadeias que lhe aprisionam o gênio e maleabilidade suficiente para adequar suas atitudes aos propósitos a que se destinam. Ele é o antípoda moral de Pelham. Ao evitar os conflitos mundanos, Godolphin passa a negligenciar seus deveres. Ele não enfrenta quaisquer obstáculos e, assim, não pode vencer em qualquer empreitada. Apresentado como detentor de aptidões mentais de natureza mais elevada e rica do que aquelas que Pelham nem mesmo pode dissimular, também se mostra muito inferior ao último em relação à estrutura de seu caráter e é, por certo, um estereótipo mais corriqueiro do leviano intelectual. Os personagens que se acercam de Godolphin são aqueles com os quais um homem de tal natureza, em geral, associa sua vida. Eles foram criados de modo a estar em certa conformidade, em dada harmonia com uma das tendências em que se bifurca tal temperamento: bom gosto e requinte convencionais ou a inerente poetização das ideias. Mas todos sofrem os diversos efeitos de influências semelhantes: seja em Saville, Constance, Fanny ou Lucilla, o quadro apresentado é sempre aquele de dons e aptidões empregados erroneamente, de incompreensão do fenômeno da vida. O *Eclesiastes*, que bradava “Vaidade de vaidades! Tudo é vaidade”, talvez tenha encontrado a explicação para seu próprio lamento ao ajuntar, mais adiante, “Apenas isto descobri, que Deus fez retos os homens, mas eles buscam muitas ilusões”.

O presente trabalho foi publicado, pela primeira vez, no anonimato e pode ser esse o motivo pelo qual esteja demorando a alcançar sua posição de direito em meio a seus irmãos, cuja procedência foi logo amplamente reconhecida. Comparado a *Pelham*, pode parecer, à primeira vista, inferior. Contudo, é possível que o sobreleve em uma releitura mais atenta.

Conquanto seja, provavelmente, em razão da já mencionada diferença intrínseca na concepção das duas obras, que, em

Godolphin, exista pouco da sátira e da vivacidade que popularizaram seu antecessor, por outro lado, o último há de trazer uma representação mais fiel do verniz uniforme típico de uma vida suntuosa: o retrato do fastio que o prazer inflige àqueles seus devotos que são dignos de realizar obras mais elevadas. A temática abordada pode não oferecer a mesma facilidade que se tem na observação daquilo que está na superfície, mas pode, com certeza, prestar-se a uma investigação mais sutil do caráter, propiciando uma experiência mais profunda de compaixão e um convite à reflexão.

Enquanto narrativa, as imperfeições mais evidentes de *Godolphin*, em minha opinião, estão no modo como Lucilla reaparece nos últimos capítulos e na tragédia final do herói. O romantismo exagerado da primeira e a aceitação do acaso como fator preponderante na segunda são aspectos que minha avaliação mais madura certamente condenaria e que, de qualquer forma, parecem-me em desacordo com os eventos naturais e com a investigação mais detida das causas morais e suas consequências, que são os principais aspectos que visam a despertar o interesse pelo conto. Ainda assim, se me posso atrever a conjecturar um possível aspecto favorável do trabalho, considerado em seu todo, ele pode ser encontrado na descrição precisa, mas tolerável, de certos períodos da civilização moderna e na sugestão de algumas verdades que merecem ser levadas em conta em uma análise das influências sociais ou da conduta individual.

1

- O leito de morte de John Vernon. • Suas palavras finais.
- Descrição de sua filha, a heroína. • O juramento.

- A noite está tranquila, Constance?
- Está linda! A Lua vai alta no céu!
- Abre as venezianas, então! É *realmente* uma bela noite.

Que *linda*! Aproxima-te, minha criança.

O luar magnificante que agora adentrava as janelas vertia-se sobre pouca coisa a que pudesse atribuir um encantamento poético. O aposento era pequeno, mas não esqualido em suas condições e utensílios. As cortinas do dossel, de um *chintz* desbotado, estavam abertas, revelando a silhueta de um homem que já passava da meia-idade e carregava no semblante as marcas da morte iminente. Contudo, que feições ainda eram aquelas! A fronte larga, clara e alta; o belo nariz linear, tipicamente grego; a boca pequena, de lábios arredondados; o queixo protuberante, marcado por uma covinha; o selo do gênio em cada traço e linha; tudo ainda desafiava a doença, ou, antes, emprestava do horror desta uma grandiosidade ainda mais excelsa. Ao lado da cama havia uma mesa repleta de livros que tratavam de assuntos diversos: um complexo sistema de cálculos financeiros; um volume composto de canções das Bacanais; as elevadas aspirações do *Fédon* de Platão;¹ o último discurso de algum Páris² local a respeito de um tributo sobre o malte. Jornais velhos e panfletos empoeirados completavam a desordem de materiais de leitura. Sobressaindo-se à pilha, emergia, agourenta, a forma alongada e espectral de um frasco, cujo conteúdo estava pela metade, e um castiçal, encimado por seu abafador.

Passos suaves aproximaram-se da beira da cama. Agora, defronte ao moribundo, postava-se, de pé, uma garota que devia ter não mais de treze anos. No entanto, suas feições, de

1 *Fédon* é a obra de Platão em que o filósofo registra, por meio de diálogos, os últimos ensinamentos de Sócrates.

2 Páris, na mitologia grega, era filho do rei Príamo, de Troia. Tendo de escolher qual era a deusa mais bela dentre Hera, Atena e Afrodite, escolheu a última, que lhe prometera casá-lo com a mulher mais bela do mundo, Helena de Esparta. Isso despertou a fúria das outras deusas, que enviaram seus exércitos gregos para destruir Páris e Troia. Páris apreciava muito as mulheres e acreditava que os únicos prazeres que tinham valor eram os da carne.

extrema e, pode-se dizer, majestosa beleza, eram tão amadurecidas quanto aquelas de alguém que lhe tivesse o dobro da idade. Nenhum vestígio do fulgor ou da suavidade da infância podia ser visto em seu semblante. Sua tez era pálida como o mais branco mármore, mas imaculada e resplandecente. Os cabelos negros, repartidos na fronte de uma maneira que não era habitual à época, ressaltavam o efeito clássico de sua nobre fisionomia, semelhante à de uma estátua. Seu rosto revelava uma expressão fria, entorpecida e um tanto austera, a qual, em certa medida, devia contradizer seu coração, uma vez que, quando se voltava para a luz do luar, era possível ver-lhe os olhos rasos d'água, ainda que não chorasse. Ainda, era possível dizer, pelo tremor de seus lábios, que o breve titubear nas respostas às observações do sofredor era fruto de sua dificuldade em conter as emoções.

– Constance – disse o enfermo, depois de uma pausa na qual parecia contemplar, com coração tranquilo, o céu brando, azul e repleto de estrelas, que fitava através das janelas abertas –, minha hora se aproxima. Não há como ignorar os sinais de sua chegada. Morrerei esta noite.

– Ó Deus! Pai! Meu tão amado pai! – irromperam as palavras dos lábios de Constance. – Não digais isso. Não... Chamarei o médico...

– Não, minha criança, não! Eu abomino... Eu detesto a ideia de pedir auxílio. Ele me foi negado quando ainda havia tempo. Eles abandonaram-me para que eu definhasse ou apodrecesse na prisão, ou me enforcasse! Desprezaram-me como a um cão e como um cão hei de morrer! Não quero que me seja tirado nem sequer um átimo da justiça: o peso funesto e trágico de meu derradeiro infortúnio.

Violentos espasmos interromperam, então, o discurso do infeliz. Finda a crise, graças aos medicamentos e cuidados da filha, o moribundo tornou a falar, em tom mais baixo e calmo:

– Está tudo tranquilo lá embaixo, Constance? Foram todos dormir? A estalajadeira, os servos, nossos companheiros hóspedes?

– Sim, meu pai. Todos dormem.

– Ótimo. Então, morrerei satisfeito. Graças aos céus, tu és a única a cuidar de mim e me acompanhar. Lembro-me do

dia em que caí doente após uma das depravações vis daquela corja. Doente! Uma enxaqueca, uma convulsão do baço... Um achaque de maricas! Bem, naquela noite, eles queriam que eu apoiasse uma de suas medidas parlamentares desprezíveis. Um príncipe aferiu minha pulsação, um duque misturou minha medicação e uma dúzia de condes chamou seus médicos para atender-me. Eu lhes era de alguma serventia à época! Ai de mim! Lê-me aquele bilhete, Constance. O bilhete de Flamborough. Por que hesitas? Lê-o, já disse.

Constance foi tomada de um estremecimento, mas obedeceu.

Estimado Vernon,

Estou realmente mortificado com a notícia de vosso melancólico estado. Sinto tanto não poder assistir-vos, mas vós conheceis minha lastimável situação. A propósito, estive com Vossa Alteza ontem. – Pobre Vernon – ele disse –, cem libras poder-lhe-iam ser úteis? – Vede, pois, que não nos esquecemos de vós, *mon cher*.³ Ah, como sentimos vossa falta na Beefsteak!⁴ Jamais haverá outro *bon-vivant* tão glorioso quanto vós. Teríeis rido ao ouvir L. tentando imitar-lhe as velhas piadas. No entanto, o tempo urge; devo partir para o Parlamento. Vós sabeis quão importante é aquela moção! Pelos céus, sois vós quem a deveríeis apresentar, em vez daquele asno do T. *Adieu!*⁵ Desejaria poder visitar-vos, mas meu coração ficaria arrasado. Posso enviar-vos livros de Hookham?

Do sempre vosso,
Flamborough

– Este é o homem que transformei em secretário de Estado – disse Vernon. – Muito bem! Ah, muito bem, muito bom mesmo! Deixa-me dar-te um beijo, minha menina. Pobre Constance! Terás bons amigos quando eu estiver morto! Eles terão orgulho de ser amáveis com a filha de Vernon quando a morte lhes mostrar que Vernon apartou-se deles para sempre. És tão bela. Tens os olhos e os cabelos de tua pobre mãe,

3 Do francês “meu querido”.

4 Jantar de celebração comum nos séculos XVIII e XIX, no qual eram consumidas grandes quantidades de bife assado e cerveja, bem como outros tipos de carne e, por vezes, batatas assadas como entrada. Os participantes não podiam usar talheres para comer.

5 Do francês “adeus”.

a frente e os lábios esplêndidos de meu pai. E o semblante, mesmo agora, tão imponente! Eles irão cortejá-la; terás muitos grandes homens, e nobres, a teus pés. Contudo, nunca te esquecerás desta noite, da aflição do rosto de teu pai, no leito de morte, nem do estigma que infligiram a ferro ardente em seu coração. Agora, Constance, dá-me a *Bíblia* que leste para mim esta manhã. Será o suficiente. Afasta-te da luminosidade, fixa teus olhos nos meus e ouve com todo o teu ser.

Quando eu era um jovem que trabalhava arduamente para alcançar a fortuna por meio da labuta na advocacia, prudente, cauteloso, incansável e seguro do sucesso, certos nobres, que ouviram ser eu um homem de gênio e pensaram que eu poderia lhes servir de ferramenta, vieram a mim e rogaram que eu ingressasse no Parlamento. Respondi-lhes que era pobre, recém-casado e que minha ambição pública não deveria ser incitada à custa dos meus interesses particulares. Eles responderam que se comprometiam a cuidar de meus interesses privados. Eu cedi a suas rogativas, larguei minha profissão, fui obediente a seus desejos, tornei-me um homem ilustre... e arruinado! Eles não jantavam sem mim, não ceavam sem mim, não conseguiam sequer se embriagar sem mim, nada lhes dava prazer senão em minha companhia. Que importava se, enquanto eu servia a seu divertimento e deleite, eu estivesse amontoando débito sobre débito, acumulando pesares para os anos futuros, ajuntando decadência, preocupação, vergonha, mágoa, aflição e uma morte prematura? Mas, ouve, Constance! Estás escutando? Com atenção? Bem, vê, sou um homem justo. Não culpo meus nobres amigos, meus gentis patronos, pelo que estou passando. Não! Se olvidei meus próprios interesses, se preferi antes o prazer deles à minha felicidade e minha honra, então, cometi um crime e mereço a punição. No entanto, vê tu, o tempo passou e minha compleição física enfraqueceu, dívidas recaíram sobre mim sem que eu as pudesse saldar, os homens passaram a desacreditar minha palavra, meu nome ficou arruinado. Assim como a saúde, a engenhosidade também me abandonou. Eu não era mais útil a meu partido, perdi minha cadeira no Parlamento e, quando acamado, enfermo... tu te recordas, Constance... os meirinhos vieram e despejaram-me de minha casa por um débito irrisório: o valor de uma daquelas ceias

que o príncipe costumava implorar que eu promovesse. Desde então, meus amigos íntimos me abandonaram. Nenhuma visita, nenhum ato de bondade, nenhum favor para aquele cujo dia de trabalho terminara. “O caráter do pobre Vernon perdeu-se. Escandalosamente enredado, não consegue quitar seus débitos junto a seus credores; sempre tão extravagante; um tanto imoral; desisti, vós, dele!”, dizem.

Em tais observações habita o segredo de seu agir. Eles não se recordam de que foi *por causa* deles, *por intermédio* deles, que se perdeu o caráter, as promessas foram quebradas e a ruína se abateu. Eles não pensam no quanto os servi, em como meus melhores anos foram devotados a promover suas ideias, a enobrecer sua causa nas páginas mentirosas da História! Nada disso foi levado em conta! Minha vida reduziu-se a dois períodos: aquele em que lhes fui útil e aquele em que não o fui. Ao longo do primeiro, fui reverenciado; durante o último, fui deixado à míngua, para apodrecer! Quem me libertou da prisão? Quem me protege nos dias de hoje? Alguém de meu partido? Algum dos meus “nobres amigos”, dos meus “honoráveis, genuinamente honoráveis amigos”? Não! Antes, um negociante a quem atendi em um dia santo e que é o único, dentre todos no mundo, que não se esquece de mim em meu tormento. Vê, a gratidão e a amizade florescem apenas na maturidade, nunca nas altas estações da juventude!

E agora, aproxima-te, pois minha voz titubeia e quero que ouças muito bem minhas palavras. Filha, embora sejas ainda tão jovem, compromete-te a registrar e cumprir meu último desejo, minha maldição! Coloca tua mão na minha. Jura, que, até a morte... jura! Não digas nada! Repete as minhas palavras.

Constance obedeceu.

– Todos os dias de tua vida, na bem-aventurança, na doença, no abatimento, no poder, tu deverás dedicar-te a humilhar, a aviltar aquele partido do qual teu pai recebeu apenas ingratiidão, desgosto e morte! Jura que não te casarás com um homem pobre e sem influência, que não poderá levar a cabo a solene revanche por que clamor! Promete que te casarás com alguém dentre os grandes e nobres, não por amor, nem por ambição, mas por ódio e para cumprir a retaliação! Buscarás elevar-te, a fim de que possas rebaixar aqueles que traíram a mim! Em

todos os eventos sociais, teu deleite será ferir a vaidade deles com intrigas públicas. Tu empregarás todo e qualquer artifício que possa levá-los à perdição eterna. Tu farás uso de todos os meios para alcançar esse grande propósito. O quê? Hesitas? Repete, repete, repete! Tu mentirás, bajularás, adularás e terás por bom o vício caso quaisquer dessas coisas aproximem-te um átimo que seja da vingança! A essa praga contra meus inimigos, enredo minha bênção a ti, minha tão querida Constance, tu que me cuidaste e velaste, e fizeste tudo, exceto salvar-me. Que Deus, Deus te abençoe, minha menina!

E Vernon começou a chorar compulsivamente.

Duas horas depois dessa inusitada cena, e exatamente às três horas da manhã, Vernon acordou de um sono curto e agitado. A aurora cinzenta (pois o verão estava em seu auge) já começava a se insinuar pelas sombras e confrontava as estrelas da noite. Uma brisa fria, impiedosa e desoladora soprou, lenta, e encheu de pesar o quarto do moribundo. Constance sentava-se ao lado da cama de seu pai, os olhos cravados nele, o rosto mais lívido que nunca devido à luz pálida daquele alvorecer cruel e triste. Quando Vernon despertou, seus olhos, que já traziam o verniz da morte, voltaram-se, sem forças, para ela e, então, ficaram fixos e escureceram em suas órbitas enquanto ele a fitava, e de sua garganta irrompeu um ruído. Entretanto, por um instante, sua voz abriu caminho; um clarão iluminou seu semblante enquanto ele proferia suas últimas palavras: palavras que penetraram e conservaram-se pela eternidade no âmago do coração de sua filha, palavras que conduziram sua vida e selaram seu destino:

– Constance, lembra-te... o juramento... a vingança!

2

- Considerações acerca da posse da vida. • Os ataúdes dos grandes homens raramente são negligenciados. • Constance é acolhida por Lady Erpingham.
- Os feitos e o caráter da heroína. • Seu temperamento manipulador.

Quão estranha é a vida! Não passamos de marionetes! Que enigma terrível é o destino! Nunca coloco meus pés da porta para fora. Ainda assim, quanto me assola a escuridão aterrado-